



ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

PANKARARU

Editor: Sebastián Gerlic



Apoio



Projeto: ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

Idéia e Direção: Sebastián Gerlic

Coordenação Geral: Águia Dourada - Organização Multicultural Indígena do Nordeste

Projeto Gráfico: Luís Henrique

Revisão de Texto e Consultoria: Derval Gramacho

Produção: Marcia Cardim / Eneida Rebouças

Administração Financeira: Prol Projetos.

Informações sobre os livros e a ONG Águia Dourada

(71) 378 0412 / 288 0057

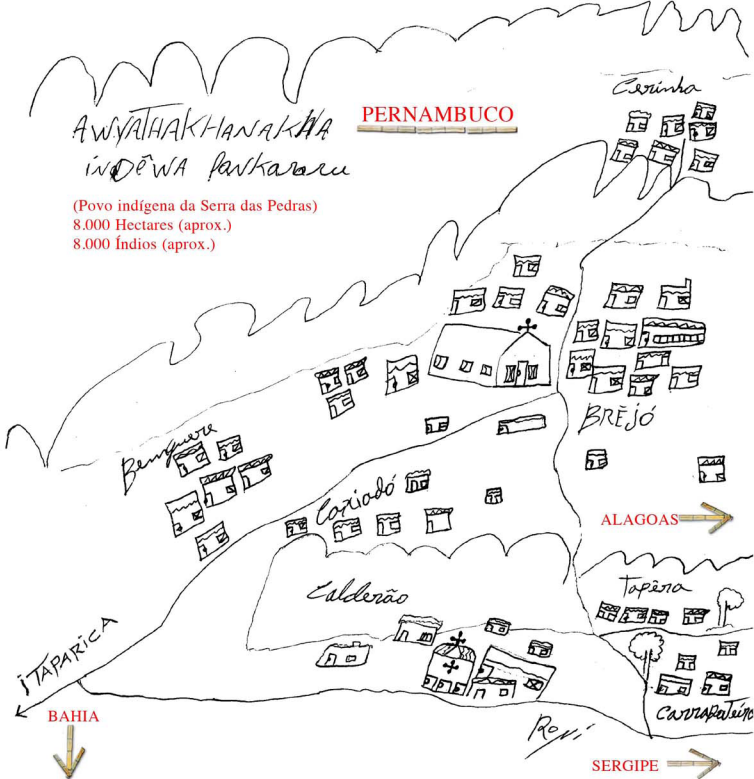
www.visaodosindios.hpg.com.br

visaodosindios@ieg.com.br

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

PANKARARU

Trechos desta obra poderão ser citados, desde que me mencionada a fonte.



Buscando respeito os índios Pankararu aceitaram o desafio de contar sua história, mostrar sua realidade e partilhar seus sentimentos.

Muitos foram os índios que participaram da oficina para criar este livro. Foram seis dias de liberdade e criação, cada um responsável pela sua expressão.

Depoimentos, cartas e fotografias feitos pelos Pankararu, somadas ao trabalho de seus orientadores: Lymbo, fotógrafo, índio da tribo Kariri-Xocó, e Sebastián Gerlic, fotógrafo e comunicador, compõem este volume, o segundo da coleção Índios na Visão dos Índios, é um convite para se ver na diferença.





Antigamente os índios mantinham facilmente seus costumes, saíam para pescar e caçar e no fim da tarde voltavam para casa e para seus rituais.

Hoje em dia não pode ser mais assim porque não temos mais mato, o índio teve que adquirir outros costumes para sobreviver. Nossas terras estão cheias de posseiros que atrapalham nossa vida. Agora nós praticamos nossos rituais de 15 em 15 dias, em terreiros sagrados, e assim preservamos e passamos os costumes para nossos filhos .

Jaguriçá



Agora tem tanto pajé e tanto cacique que nunca vi. No tempo de meu pai Narciso não era assim, ele era o único cacique e só tinha um pajé lá na serrinha, o Joaquim Serafim. Meu pai começou em 1942 e ia tudo certo, depois entrou outra turma e tudo entortou.

Aqui primeiramente precisa de um pajé, um cacique e um chefe de posto certos. Pessoas de palavra. O pajé é como o pai da nação! Se as últimas autoridades tivessem trabalhado não era para as pessoas irem batendo cabeça como andam. Se a gente tivesse água, não passava fome.

Nós adoramos os Praiá, que em nossa tradição é Deus, que nos dão até hoje a resistência, a luz, a força. São nossos próprios ancestrais que nos protegem.

Antigamente era na água e sal, não tinha tempero nenhum, era uma caça, um camaleão, um teiú, um passarinho, um beiju. A gente não tinha cama, botava umas palhas de ouricuri no chão e a gente se deitava, o lençol era um saco de feijão, a colher era da folha do cajueiro. Agora estamos numa boa, antes era tudo um sacrifício. Agora é beleza. Antes era difícil, mas para eles era melhor.

Cabocla





Nossa religião é indígena. Nós passamos de pais para filhos, nós seguimos nossos costumes. Nós temos nossa cultura, nosso tratamento através de ervas, de guias, nós curamos com os Praiá, com o Toré, com Deus.

Eu fiz meu segundo grau no Rio de Janeiro, onde meu professor de filosofia falou: “O índio é considerado de menor porque é incapaz, tem a mente de uma criança de sete anos, tem a mente fechada”. Nós temos índios advogados, engenheiro agrônomo, com pós-graduação, tem estudante de medicina. Como antigamente os índios foram muito rebaixados, ficaram reprimidos de ensinar nosso idioma, hoje muita coisa está perdida. Antigamente o índio era mais tolo, acreditava nas autoridades. Éramos chamados de feiticeiros, de macumbeiros, de comedores de lagartas, de bicho, de coisa pobre.

Eu sou enfermeiro e cuido deste terreiro, tenho talento, recebo mensagens, faço minhas obrigações e aprendo.

... Tinha uma menina na Tapera que estava doidinha, ia ser internada. Eu falei com a doutora e pedi a ela 15 dias para eu cuidar da menina, dei minha palavra que se não desse certo eu mesmo a levaria. Três dias depois a menina estava curada...

... De outra vez chegou um homem que há três anos visitava médicos e gastava milhões. Diziam que era uma coceira incurável. Ele estava flechado e eu desmanchei, hoje ele é dono de um açougue e está bem.

José Alto



O Praiá é o deus da tribo.
Jaguriçá





Na minha aldeia eu fico livre como um passarinho, respirando o ar da Natureza. Também eu sou. Sou de coração. Também faço parte da Natureza.

Nós temos porque ter orgulho de ser índios. Eu não tenho preconceito comigo de jeito nenhum, porque mantenho parte de meus costumes muito forte dentro de mim. Para mim, não faz diferença nenhuma as características físicas da pessoa, porque eu não sou culpado dos europeus terem invadido, de ter estuprado as índias. Nós temos que manter nossa tradição sempre forte para ter nosso respaldo, se a gente não luta pelo que é nosso, ninguém vai nos valorizar.

Aqui o índio fica sem saber de nada, sem saber de políticos, mas também sem saber de seus direitos, porque o índio sabendo de seus direitos abala qualquer político. Porque ele vai buscar seus direitos para beneficiar sua comunidade, atendendo seu povo para ter um futuro melhor.

Um dia, para ajudar minha família, fui para São Paulo. Cheguei no barraco de minha irmã, de tábuas, com esgoto do lado, entrei e fiquei triste. Com oito dias encontrei um serviço, tinha toda a documentação e fui trabalhar, passei dois meses doente, com o clima totalmente diferente e a poluição terrível. Fiquei um ano, conheci vários Pankararu que não conhecia e conheci outro tipo de sofrimento. Outra vez voltei para São Paulo para organizar os índios, para lutar por nossos direitos, para explicar que os índios desaldeados também têm direitos. Foi muita luta e muito conseguimos.





É na mata que o índio faz sua concentração e depois vem para dançar. Nós fumamos o Campiô (cachimbo) para honrar o Ar, os Mestres. Em fevereiro e março, temos a dança da cansação. Eu incentivo os mais novos, as crianças, a conhecerem nossa cultura. Tudo é como a Natureza quer, como Deus fez a Natureza a gente não pode desfazer.

Temos que obedecer aquele Pai que deu tudo isso para nós.

Quando Deus fez a Natureza deixou os Tonás de Caruá para os Pankararu. Cada tribo tem seus costumes, somos todos muito diferentes, mas somos todos irmãos. Cada etnia tem sua tradição, agora quando juntos cantamos nossos Toantes os outros índios aos poucos começam a entender a nossa língua e logo todos cantamos num dialeto só.



Nós temos nossa concentração, nossos Encantados de Caruá. Nossos Encantados não vêem o não-índio diferente, qualquer uma pessoa pode chegar e pedir-lhes, se for para o bem, eles ensinam. Também temos alguns lugares onde não podemos levar o branco, como o Poró, mas ele pode tomar o Aluá (caldo de caju), o Decitá ou Garapa (caldo de cana ou água com açúcar). Nós recebemos muito bem a todo mundo, brincamos juntos, comemos juntos. Nós estamos firmes na nossa tradição. Temos várias danças diferentes, muitas que o branco nunca viu.

A Igreja Católica ainda hoje vem para nos forçar a mudar nossa cultura, quando deveria nos indenizar por tudo o que fez e continua fazendo.

Eu agradeço muito aos Tonás de Caruá, a Tupã, por estarmos com essa força de resgatar cada vez mais nossa tradição, isso é muito importante para os índios Pankararu. Nós que buscamos nossos costumes estamos crescendo juntos com os outros povos.

Fernando





Sou uma índia Pankararú.

Eu nasci na cidade de São Paulo e me criei na aldeia Pankararú. Sou filha de Edivaldo Gomes da Silva e Maria de Lourdes da Silva, tenho umas irmãs que eu amo muito que são Bruna, Edijane, Elaine.

Sou de uma família pobre e humilde, mais que tem muita coragem para batalhar para vencer os obstáculos da vida.

Meus pais sofreram muito em SP em uma favela perigosa para arrumar emprego e sustentar as quatro filhas porque aqui na aldeia não tinha como sobre viver.

Hoje tudo mudou meus pais ganharam uma casa e um pedaço de terra, as coisas melhoraram, temos terra para plantar feijão, milho, mandioca, palma, era tudo o que

o meu pai queria morar na aldeia viver de roça e caça como um verdadeiro índio, aqui é um lugar completamente diferente de São Paulo e um lugar calmo sem violência sem ar poluído sem agito.

Sou uma índia e não nego o meu natural pra ninguém. Eu fumo cachimbo, danço toré, aonde eu vou é com o meu cachimbo e a minha maracá do lado que são as minhas armas para me defender dos inimigos dos meus.

A sorte só é florida para quem estuda e trabalha. Quem não luta pela vida muito cedo se atrapalha.



Lúcia Pankararú



Índio Significa ser Puro

Fabiana: Antes dos portugueses invadirem, nós índios tínhamos nossos costumes.

Os índios não adoeciam, mas foram tirando nossas riquezas e deixando doenças, troca que nos trouxe muitas mortes. Eu já ouvi muita gente dizer que o índio não tem direito a na-da, outros dizem que o índio é pre-guiçoso, mas onde é que vamos trabalhar se não temos nossa terra?

Jaguriçá: Índio significa ser puro, ter suas qualidades espirituais. Nós não buscamos fazer o mal a ninguém, temos dentro de nós a beleza da própria natureza.

O índio respeita desde o menor ser até o maior. Não tem preconceito com ninguém, sabe que somos todos iguais. Nós queremos valorizar nossa cultura e também aprender das outras.



F: Se o índio não mantém sua própria cultura não vai ser considerado índio. Saber plantar, caçar para se alimentar, não como outros que matam por esporte, por diversão. Antes nós vivíamos assim: plantando, caçando... antes os rios não eram poluídos... antes não tinha posseiros para tirar nossas árvores. As mentes também estão muito poluídas, gente matando e roubando...

Eu quero um marido que seja atencioso, não adianta comprar televisão e tudo mais se ele não dá atenção à família...

Hoje, aqui na escola, não se fala da nossa realidade, eu gostaria que ensinassem sobre nossa cultura, eu já estudei em quatro escolas da aldeia e só se fala de índio no dia 19 de abril. Não se conta nossa história, não se ensina artesanato, não se fala de nossos costumes...

J: Seria bom que o próprio Pajé chegasse para dar aula dentro da escola, o cacique, um artesão, um idoso, eles podem ensinar muitas coisas. De alguma forma não só os índios têm que respeitar a cultura indígena, mas também os brancos. O Pajé, por exemplo, pode visitar uma escola de não-índios, uma forma de começar a sermos mais respeitados.

As lideranças têm que incentivar o seu povo a pesquisar sua própria cultura e ensinar a se autovalorizar, entregar-se cada vez mais a seu conhecimento e também respeitar o vizinho, branco ou negro, para que no futuro todos saibam se respeitar.



Deveriam incentivar o índio a manter sua cultura. Na minha escola foi aquela coisa de que “Cabral descobriu o Brasil”. Quem manda nas terras aqui são os posseiros que parecem ter o direito de nos espancar, nos bater. Nós temos fé e lutamos para que nossa cultura possa vencer.

Sidney



Quem não quer filhos não quer nada na vida.

Maria Monteiro da Silva.



Eu vou para a feira vender vassouras

Nós saímos daqui de madrugada, 2 ou 3 horas da manhã, bota a cangalha no jegue, sobe ladeira, desce ladeira, chega lá longe, come um pedacinho de rapadura, ou uma tripa, ou um pedaço de fato, um pouquinho de fa-rinha, o que tiver, toma água da cabacinha, chega lá cedinho com um saco e uma foice, vamos tirar as palhas e depois vamos “ajuntar”, despencar e fazer o molho, bota tudo em cima do jegue e volta para trás, quando che-gamos já é 1 ou 2, até 4 horas da tarde.

Nós vamos em duas ou três mulheres, pode levar alguma criança, é uma ou duas léguas daqui, longe, longe. Quando achamos palha nós trazemos, quando não, é um ou dois molhos. É um sacrifício que a gente faz para sobreviver, porque eu não vou ficar dentro de casa, tenho seis filhos, nem eu nem meu marido somos empregados. Nós comemos quando Deus manda a chuva, agora mesmo estamos esperando que mande o inverno, enquanto isso, para sobreviver, buscamos palha, porque eu não vou roubar e nem quero que meus filhos façam o errado. Vamos mantendo a vida até onde Deus quiser.

Eu vou para a feira vender vassoura e vou levando a vida, porque eu não tenho estudo, o que eu tenho são meus filhos que estão estudando. Deus ajude que eles se interessem, aprendam a ler, se formem e consigam emprego.

A gente vai para as feiras de Paulo Afonso e outros cantos, leva vassoura, manga, pinha, o que tiver. Tem que dormir na rua, no meio do mijo, das muriçocas, pedir um café, eu não tenho vergonha de contar porque é verdade. Eu, graças a Deus, nunca encontrei pessoas ruins. Eu peço a Deus que nos dê saúde para a gente batalhar e arrumar o pão de cada dia. Confiando em Deus nós não passamos fome. A vida não é brincadeira, é sofrida, mas eu nunca fui triste, com tudo no mundo eu me conformo, a gente recebe o que Deus mandar.

Eu adoro ser índia, eu adoro meu lugar, não troco ele por lugar nenhum.

Maria Aparecida dos Santos.

A casa em que eu nasci era de palha. Palha por cima e pelos lados. Foi um tempo depois que meu pai falou: “Vamos tapar com barro”. Anos mais tarde nós mesmos começamos a botar telhas e logo também aprendemos a bater tijolos e fizemos nossas casas como as de agora.



Antigamente eu levantava cedo para pegar água, fazia roça e pegava palha para fazer vassouras. Para me manter arrancava mandioca, fazia o beiju, fazia o feijão na água e sal. Hoje em dia, graças a Deus, trabalhamos e estamos ricos.

Cristina Maria de Jesus

Aqui tem pouca terra e muitos posseiros.



Você vive n'uma terra que é toda nossa!

Fernando



Hoje em dia o índio tem um dizer “estamos ricos” por que as coisas estão muito melhor que antes, mas voltando mais atrás, vemos que antes dos portugueses chegarem, ou seja, de sermos invadidos em nossas terras, nós vivíamos muito melhor por que tínhamos comida em abundância: caça, frutas, peixes, raízes, tínhamos Equilíbrio e Paz. Vivíamos livres nas matas, não precisávamos de nada. A partir das invasões, os rios e as matas foram tão explorados que já não produzem a sustância para nos alimentar. Então passamos por muitas dificuldades, porque o que a gente sabia fazer nas matas já não é suficiente para nos manter. Aí passamos a viver presos, não só pela carência de alimentos, mas também pela necessidade de desenvolvimento, porque não nos ensinaram a viver no mundo fora das matas. É com muito esforço que estamos nos adaptando e lutando por nossos direitos, por isso dizemos que hoje em dia as coisas estão melhor, não que estejam melhor, mas pelo sofrimento de anos recentes a gente está melhorando.

Apesar de todas as mudanças, sempre soubemos preservar nossos rituais, onde reside nossa verdadeira riqueza: Somos um Espírito único com a Natureza. Agradeço não só pela hospedagem, mas pelos sentimentos com que me receberam. E que o Grande Espírito da Natureza aperfeiçoe nossos conhecimentos, integrando nossos corações a essa essência que nunca vai acabar.

Quando chove todo
mundo vai para roça





Antigamente fazia tranças de ouricuri para fazer chapéu e bolsas; fazia comida com lagartas (Mokokondum), comia também teiú, só não comia cobras. Nos momentos mais necessitados se preparava bolo da farinha do miolo do ouricuri (Grolado).



Arranca a mandioca, rapa ela, pisa na pedra, pega a massa e expreme no saco tirando o líquido, chamado de *Manipuera*, bota a massa para secar no sol para fazer o beiju em cima da pedra. A Manipuera fermentada por dois dias se cozinha com cravo e açúcar fazendo um doce.

Ambrosina



Se um dia sentir-se triste
 lembre-se que o sol
 vive na solidão, e mesmo
 assim brilha todos os dias.



Estar perto de uma roda de *Praíá* é a maior alegria do mundo. São os índios de nossa lei que estão brincando, nós temos que dançar também, brincar mais eles.

Genivaldo Supriano da Silva.





A Serra da Leonor



As índias, quando menstruadas, não podem comer Juriti (um pequeno pássaro). Um dia uma índia chamada Leonor comeu um Juriti e então penas começaram a nascer pelo seu corpo. Sua mãe quando viu disse: "Minha filha, o que você comeu?" - Eu comi Juriti, mãe.

- E agora, o que vou fazer com você? Vou chamar os meus índios. Quando chegaram, os índios temiam que neles também nascessem penas, então cobriram-se de cocô de galinha. Os índios pegaram a menina e amarraram seus braços e pernas com crauá e a colocaram entre as pedras da fenda de uma montanha. Um dia depois as pedras se fecharam, ficando Leonor presa naquele lugar.

Quando as índias passavam para buscar água, ela detrás das pedras gritava: "Me esperem que vou também". Aconteceu várias vezes, até que os Encantados avisaram que um dia ela sairia dali e seria levada para a cachoeira.

Leonor se encantou e até hoje a serra onde está a cachoeira leva seu nome.



No fundo a beleza de uma Forte Natureza
 No caminho uma esperança
 No sorriso de uma criança.
 Um sonho que está prestes a se realizar.

Cláudia Feres Silva - Mayara

MEU NOME É MAXAKALI, tenho 14 anos
 e tenho orgulho de ser índio porque
 o índio tem muitas histórias bonitas.
 não é só isso é porque o índio é o
 símbolo da natureza e do mundo o
 índio é o primeiro habitante da terra







Na cultura Pankararu
Podemos dizer que a
educação começa em casa,
ou na comunidade. quan-
do os Pais ou outras
pessoas mais velhas passam
seus conhecimentos aos
filhos mais jovens.

Mas nós sabemos que a
educação não vem só de
casa, mas também da escola,
que é um direito do índio
como cidadãos brasileiro.

Na escola, ele vai aprofun-
dar seus conhecimentos
para lidar com outras
comunidades, ficar sempre
bem informado para ser
capaz de proteger seu povo.

Não devemos jamais ter
vergonha da nossa identi-
dade. Pois em primeiro
lugar vem a nossa cultura,
o nosso povo, a nossa educação,
os nossos antepassados.

Temos que aprofundar
mais a história dos nossos
antepassados e para isso
temos que pedir ajuda
às pessoas idosas da nossa
aldeia.

Adoro minha aldeia.
Costumo reunir com
minhas amigas pra dançar
toré e pumar no Campiôn,
também trabalhamos muito na
roça pra sobreviver.

pilda





u sou um servidor do Povo

O Cacique verdadeiro chama-se Narciso Pedro. Certa vez quando ele fez uma viagem, a Funai veio e, se aproveitando de que ele não se encontrava, João Binga se apresentou como Cacique. Quando Narciso voltou ficou muito chateado e saiu. Depois teve uma eleição e ganhou Zé Lúcia, mas João Binga continuou sendo Cacique. Eles colocaram Miguel Binga como Pajé e essa família mais os Oliveira ficaram no poder e até hoje continuam dilapidando a Aldeia.

Há anos que a família de Narciso, o verdadeiro Cacique, Zé Lúcia, que foi o Cacique eleito, e o legítimo Pajé Luís Caboclo reconheceram a honestidade, o valor de guerreiro e a luta pela comunidade que o Zé Índio realiza, assinando um documento indicando-o como Cacique. A comunidade concordou, daí eu fui indicado para ser chefe de posto, porém a Funai botou um administrador que agradasse os Binga, mas ainda assim eu sou um servidor do povo, eu me sinto na obrigação de ajudar e continuar com o trabalho de minha mãe que já foi chefe de posto. Eu sou uma liderança jovem, mas a Funai só trabalha com as lideranças velhas porque com eles funciona o “cala boca” e com a gente não. Eu, Zé Índio e Fernando queremos trabalhar, a comunidade nos apóia, mas continua esse grupo viciado que come nosso dinheiro e ainda nos ameaça de morte. Tirar essas lideranças corruptas é difícil porque tem a Funai por trás.

Há sete anos fizeram um levantamento fundiário, só agora chegou o dinheiro para indenizar os posseiros para termos nossa terra de volta, só que eles não querem sair porque alegam que nestes anos muito mudou. Por enquanto continuamos sendo nós que pagamos por tudo isso. Eles continuam roubando nossos arames e seu gado continua pastando em nossas áreas, nós estamos pedindo ajuda às autoridades, mas até agora só temos as ameaças.



Nós não podemos usar nossos costumes porque estamos no meio de posseiros, eles já interromperam nossos rituais dando tiros. Eles atiram na gente e nos ameaçam continuamente. Outro dia tentaram seduzir uma índia de 11 anos. Nós continuamos lutando por respeito.

← Gilberto





nostra batalha de água é dura

Índio esclarecido não é Índio?

Na década de 60, interromperam as águas dos rios, impedindo os rios de descerem. Acabaram com o rio que cortava a Aldeia, acabou a cana-de-açúcar, a verdura, as frutas. Depois colocaram as linhas de alta tensão nas Serras e, em 72, choveu muito e a areia que tiraram desceu e aterrou nossa lavoura, destruiu dois engenhos, ainda hoje estamos lutando pela indenização.

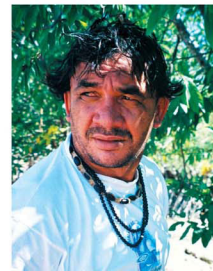
As verbas destinadas aos benefícios da comunidade são usufruídas por políticos. Tem muitos recursos para a gente e quase absolutamente todos são desviados. Muito se investe em gerar violência, briga entre índios e entre aldeias para facilitar mais os funcionários a roubarem.

Hoje em dia nossas lideranças não têm representatividade, não vieram do tronco de nossos costumes, não são válidas nem para nós nem para os próprios Encantados. As lideranças foram indicadas pela Funai. No segredo de nossa religião se sabe, os Encantados sabem quem é o verdadeiro Cacique, sabem que eu represento ele.

A gente não escolhe as lideranças da Funai, todos são indicados políticos, sem nenhuma participação nossa, eles só nos dão os cargos baixos porque nos acham incapazes.

O Procurador da República me diz que eu sou um índio esclarecido e passível de ser processado pelas minhas atitudes políticas. Ele quis me dizer que por ser esclarecido eu não sou índio! Nem Deus rasga a identidade do índio, mas os poderosos nos humilham, querem rasgar nossa história. Lembrem de Porto Seguro, em abril de 2000, ninguém foi punido! Vivemos não reconhecidos, n'uma situação totalmente humilhante, baixando a cabeça para o governo, parece que não fazemos parte da história do Brasil. Já fomos mais de seis milhões de índios, hoje só um pouco mais de 300 mil.

Zé Índio. ➡





Encontro-me aqui na aldeia Pankararu e vejo o esforço e o sacrifício das pessoas para viver mais dignamente. Pouco têm e muito agradecem. Dói-me saber que de alguma forma a corrupção política à qual estamos acostumados também lhes atinge e muito.

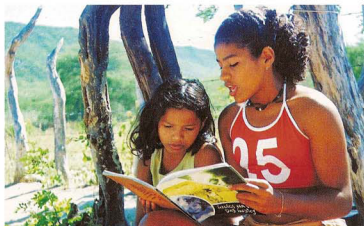
São poucas as verbas que o governo dispõe para os índios e são infinitamente menores aquelas que verdadeiramente chegam às comunidades. O egoísmo chegou e ensinou uns índios a se aproveitarem de outros. Mas muitos lutam hoje por desemaranhar as redes, as teias, com as garras acordadas, atentas, assinalando o valor da união e reavivando a força de lutar por uma vida mais justa.

Para eles, quebrou-se o Equilíbrio, a Paz que dará muito trabalho para reconquistar. Espero que um dia chegue essa certeza que todos somos um coração só. Espero não só que os Pankararu retomem sua união, mas cada povo, para que finalmente sejamos todos um povo só.

Durante este tempo que fiquei em uma realidade muito carente, sem recursos, com fome, descobri que era nada carente de solidariedade, que tinha o recurso de se juntar e a fome dividida ficava menor. Descobri que a falta de chuva não seca a beleza das almas.

O lançamento desta coleção desperta grande interesse não só dos brancos, mas também dos próprios índios. Os Kariri-Xocó (primeiro volume da coleção) gostaram de se ver nas imagens e nas palavras que revelam o seu *modus vivendi*. O projeto está sendo muito bem recebido em universidades, escolas e outras comunidades indígenas.

Desta forma, o projeto Índios na Visão dos Índios está cumprindo seus objetivos de resgate, defesa, preservação e difusão da cultura de diferentes tribos proporcionando assim maior integração e melhores relações no mundo.



Sou amante do sol

Sou filho da terra

Sou soberano dos ares

Brilhante como uma luz

Eu surjo das águas

Eu corro nas matas

Vivo cheio de graça

Meu Deus me conduz

Tenho o instinto da Águia

Vejo além do infinito

Percebo a intenção do inimigo

Antes dele atacar

Represento a força. A luta

E a garra de um povo

Uma tribo que pede socorro

Para não se acabar

Eu sou Guerreiro da Águia

Estou em todo lugar

Letra e Música: Wakay Momboré Águia Dourada

Agradecemos à tribo Pankararu pela realização deste livro, especialmente a: Leidjane, Nilda, Eriane, Solange, Juruna, Bily, Jairan, Mauanã, Potí, Maxacalí, Cosme, Antonio, Romário, Sandra, Maria, Tiago, Erica, Edinho, Manuel Avelino Santos, Jaguriçá, Lindaura, Claudenice, Cássia, Eluzia, Roni, Elvira, Neide, Fernando, Zé Índio e Gilberto.

Agradecemos também a Morgana Tosca, Publivendas, Rotary Club Aratu, Ana Paula Lima, Gráfica Santa Helena e Eliete.

Digitalização de Imagens

OBJETIVA

Patrocínio do Bompreço, utilizando os benefícios do
Programa Estadual de Incentivo à Cultura - Fazcultura
do Governo do Estado da Bahia.

Lei nº 7015/96 - Salvador - Bahia - 2001

O índio respeita
desde o menor ser
até o maior. Não
tem preconceito com
ninguém, sabe que
somos todos iguais.
Nós queremos valorizar
nossa cultura e também
aprender das outras.
De alguma forma não só os
índios têm que respeitar a
cultura indígena, o Pajé, por
exemplo, pode visitar uma
escola de não-índios, uma forma
de começar a sermos mais
respeitados, queremos que todos
saibam se respeitar.

O resultado da venda dos livros será revertido em benefício das comunidades indígenas.

Patrocínio:



Apoio:

